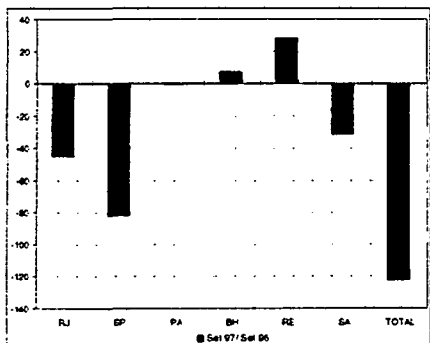


TENDÊNCIAS DEMOGRÁFICAS



Segundo os dados mais recentes da Pesquisa Mensal do Emprego (PME), referentes ao mês de setembro do corrente, pode-se constatar que a População Economicamente Ativa (PEA) nas seis regiões metropolitanas cobertas por aquela pesquisa domiciliar do IBGE vem mantendo sua tendência de crescimento, característica dos segundos semestres de cada ano. Não obstante, o nível para o último mês de setembro é inferior ao observado neste mês em 1996, havendo cerca de 120 mil pessoas a menos participando destes mercados de trabalho (ver Tabela A.1.1 do Anexo Estatístico). Esta pequena retração, equivalente a 0,7%, foi ditada pelo comportamento observado nas duas maiores regiões - São Paulo e Rio de Janeiro, além de Salvador. Em Porto Alegre e Belo Horizonte os números são praticamente iguais nos dois meses referidos, sendo Recife a única região onde ocorreu uma expansão significativa da PEA no período (ver Gráfico 1).

GRÁFICO 1
Variação absoluta na PEA por região metropolitana (milhares de pessoas)



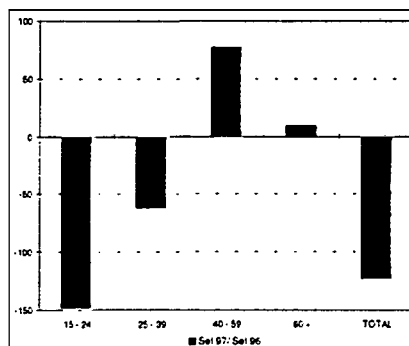
Fonte: Elab. própria, a partir de dados da PME/IBGE.

Esta contração da PEA foi bastante mais acentuada entre os homens (menos 110 mil, ou -1,1%) do que entre as mulheres (menos 10 mil). Com isso a PEA feminina, com pouco mais de 7 milhões de mulheres, supera hoje a marca de 40% do total da PEA metropolitana.

Quanto ao corte por faixa etária, um fato a ser destacado é o comportamento diferenciado da evolução da PEA abaixo e acima de 40 anos neste intervalo de 12 meses:

enquanto todos os grupos etários abaixo de 40 anos diminuíram em termos absolutos, os demais apresentaram expansão (Gráfico 2 a seguir e Tabela A.1.3 no Anexo). Cabe destacar que a queda acentuada nas faixas mais jovens (de 15 a 24 anos), em torno de 150 mil pessoas, foi maior inclusive que a queda na PEA total.

GRÁFICO 2
Variação absoluta da PEA por faixa etária (milhares de pessoas)



Fonte: Elab. própria, a partir de dados da PME/IBGE.

Quanto à taxa de participação no mercado de trabalho, pode ser constatado na Tabela A.1.4 que ela vem se mantendo, em termos agregados, bastante estável ao longo do ano de 1997, sempre na casa de 58%. Quando se comparam as taxas de setembro último e de 1996, contudo, identifica-se uma queda de quase 2 pontos percentuais (58,7% e 60,5%, respectivamente), o que pode estar caracterizando uma menor atratividade do mercado no ano de 1997 em relação ao ano anterior. Esta redução ocorre para praticamente todas as regiões metropolitanas, sendo mais pronunciada em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Salvador. Da mesma forma que para a PEA, a diminuição da taxa de participação ao longo dos 12 últimos meses pesquisados pela PME foi maior entre os homens e na faixa de 15 a 24 anos de idade.

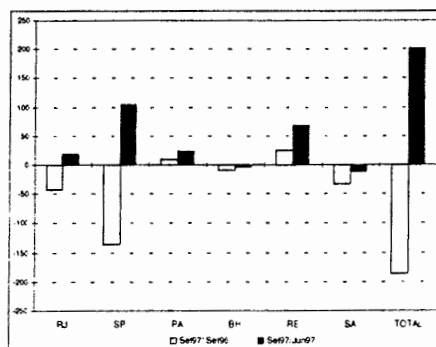
NÍVEL E COMPOSIÇÃO DA OCUPAÇÃO

O nível do emprego vem aumentando nos últimos meses, sendo que nos três primeiros meses do segundo semestre foram criados mais de 200 mil postos de trabalho em termos líquidos (Tabela A.2.1). Os 16,5 milhões de pessoas ocupadas em setembro último representam o nível mais elevado no ano de 1997, mas ainda aquém daquele

registrado em setembro de 1996 (menos 180 mil ocupados). A média dos primeiros nove meses deste ano, todavia, é ligeiramente superior àquela para igual intervalo em 1996. Embora tendo experimentado uma recuperação neste segundo semestre, com a criação de mais de 100 mil postos de trabalho, São Paulo ainda é a região onde foram eliminados mais empregos quando se comparam os meses de setembro de 1997 e 1996 (uma perda líquida de quase 140 mil). Recife, por outro lado, é a metrópole que acusa progressos palpáveis nas duas comparações (Gráfico 3).

GRÁFICO 3

Var. absoluta na ocupação por região metropolitana (milhares de pessoas)



Fonte: Elab. própria, a partir de dados da PME/IBGE.

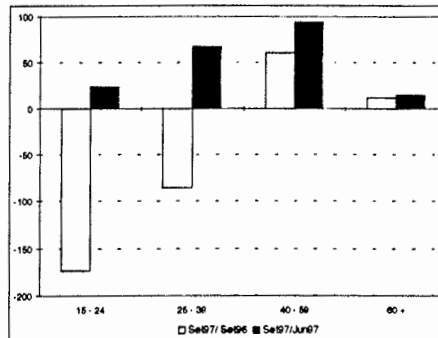
A recuperação do nível do emprego no segundo semestre foi calcada no crescimento do setor de Serviços que, isoladamente, gerou cerca de 190 mil postos de trabalho. A Administração Pública e a Construção também exibiram ligeiro aumento, enquanto a Indústria de Transformação e o Comércio ficaram relativamente estáveis (Tabela A.2.2). O panorama é distinto quando se toma setembro de 1996 como base de comparação. Neste caso, Comércio, Serviços e Administração Pública exibem ligeiro crescimento, enquanto a Construção Civil e, principalmente, a Indústria de Transformação se destacam como os segmentos onde houve as maiores perdas de postos de trabalho (no caso deste último, a perda líquida chega a 160 mil empregos).

Conforme ilustrado no Gráfico 4, a seguir, as variações no nível de ocupação nos últimos 12 meses de acordo com a faixa etária seguiram o mesmo comportamento detectado para a PEA, com os grupos abaixo de 40 anos perdendo em termos absolutos e aqueles acima desta idade experimentando ganhos. Este padrão, contudo, é atenuado quando se consideram apenas as variações ocorridas no segundo semestre de 1997.

Uma outra observação digna de nota em relação à composição da mão-de-obra metropolitana ocupada está relacionada ao

GRÁFICO 4

Var. absoluta na ocupação por faixa etária (milhares de pessoas)

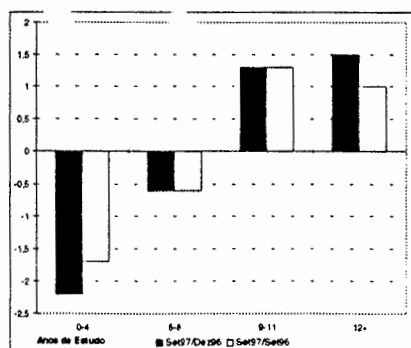


Fonte: Elab. própria, a partir de dados da PME/IBGE.

corde por escolaridade. As últimas informações coletadas pela PME confirmam a tendência já assinalada em edições anteriores desta publicação no sentido de uma diminuição no número de postos de trabalho ocupados por pessoas com menor grau de instrução, em conjunto com uma ampliação daqueles ocupados por indivíduos com maior escolaridade. Assim, tomando por base as variações acumuladas durante este ano, têm-se que a representação daqueles com até quatro anos de estudo na força de trabalho ocupada diminui 2,2 pontos percentuais, enquanto a daqueles com cinco a oito caiu 0,6, ao mesmo tempo em que a participação de pessoas com instrução secundária cresceu 1,3 ponto percentual e a das que possuem instrução superior aumentou 1,5 ponto percentual. Conforme mostrado no Gráfico 5, construído a partir da Tabela A.2.6, estes números não mudam muito quando a comparação é feita de setembro a setembro. É possível que uma parte desta mudança possa ser atribuída a uma elevação da escolaridade da população em idade ativa (PIA), mas por certo a sua magnitude é tal que torna esta possível explicação insatisfatória, parecendo mais plausível atribuí-la a transformações no

GRÁFICO 5

Mudanças na composição do emprego por escolaridade (pontos percentuais)

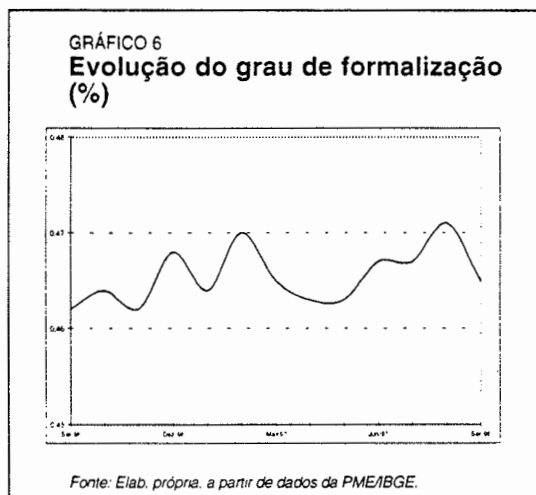


Fonte: Elab. própria, a partir de dados da PME/IBGE.

lado da demanda por trabalho, com ênfase crescente na qualificação da mão-de-obra.

INFORMALIDADE

As alterações na estrutura do emprego segundo a forma de inserção no mercado de trabalho têm sido de pequena monta no período recente. Conforme retratado na Tabela A.2.3, as variações relativas no nível do emprego das pessoas com carteira, sem carteira, trabalhador por conta própria ou empregador têm sido bastante próximas. Desta forma, o grau de formalização das relações de trabalho na economia, entendido aqui de forma admitidamente simplista como sendo a relação entre o número de trabalhadores com carteira assinada e a PEA ocupada, tem permanecido marcadamente estável ao longo dos últimos 12 meses: as pequenas flutuações observadas, em parte até decorrentes da natureza aleatória da pesquisa, ficaram confinadas ao intervalo entre 46,2% (em setembro de 1996) e 47,1% (em agosto de 1997).



Fica assim reforçada a conjectura já levantada anteriormente neste Boletim de que o processo de crescente informalização que pautou o funcionamento do mercado de trabalho durante a maior parte desta década, tenha ele sido de cunho estrutural ou não, parece ter perdido fôlego. Têm-se, contudo, que aguardar os impactos das recentes alterações na política econômica do país sobre o mercado de trabalho, para avaliar melhor a possível consolidação desse estancamento da informalidade.

DESEMPREGO

DESEMPREGO ABERTO

A taxa de desemprego aberto metropolitana, conforme mensurada pela PME, vem declinando ligeiramente nos últimos meses, conforme de resto seria de esperar em função dos padrões sazonais que afetam esta variável. Depois de ter atingido um pico igual a 6,09% no mês de junho, o valor

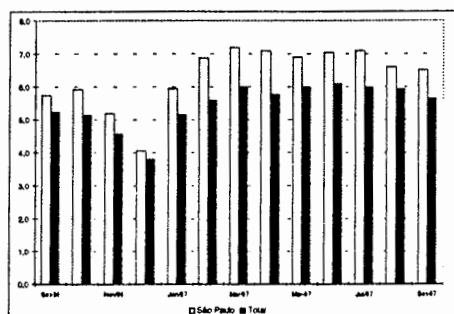
observado em setembro último foi de 5,64% (Tabela A.4.1.1). De qualquer forma, estes níveis ainda estão acima dos observados no mesmo período no ano passado, como pode ser visto no Gráfico da capa. Levando-se em conta que estas maiores taxas de desemprego são acompanhadas de uma retração da PEA, a conclusão natural é que houve um desaquecimento do mercado de trabalho durante o ano de 1997 em relação a 1996.

Em condições normais seria natural esperar quedas adicionais do desemprego nos meses vindouros tendo em vista a expansão da demanda por trabalho no final de ano, mormente no setor de comércio. Resta saber contudo em que medida esta expansão será afetada pelas medidas econômicas implantadas recentemente, em particular a elevação na taxa de juros. Dado que no mês de outubro o ciclo de produção para formação de estoques com vistas à época de Natal já se encontrava próximo do final, é possível que o primeiro impacto não seja drástico, ficando circunscrito às atividades de comercialização. Deste modo, embora de forma claramente especulativa, é possível imaginar um cenário em que as taxas de desemprego permaneçam em baixa no futuro imediato, embora não na dimensão observada no ano anterior, quando no mês de dezembro ela atingiu o patamar de 3,81%. Os efeitos mais pronunciados, a permanecer o atual quadro econômico, se fariam sentir, então, a partir do início de 1998.

Voltando ao desemprego recente, é interessante notar que ao desenvolver a análise ao nível de regiões metropolitanas, encontra-se uma grande variabilidade entre elas. Enquanto a comparação entre setembro de 1997 e setembro de 1996 revela que o desemprego é grosso modo o mesmo em Recife e no Rio de Janeiro, diminuiu em Porto Alegre e aumentou de forma substantiva em Belo Horizonte e São Paulo. Quanto a esta última região, vale destacar que os dados recentes da PED/Fundação Seade indicam uma mudança de patamar do desemprego aberto: de setembro de 1996 a março de 1997 ele situava-se na faixa de 9%, tendo saltado para a casa de 10% de abril em diante (Tabela A.4.1.2). Esta mesma dicotomia, de forma um pouco menos patente, é indicada pela PME. Dado o peso relativo de São Paulo na PEA metropolitana (próximo a 44%), em conjunto com a fato do desemprego nesta região ser superior à média, pode-se concluir que em boa medida o comportamento recente da taxa de desemprego metropolitana pode ser explicado pelo funcionamento do mercado de trabalho paulistano (na verdade, o coeficiente de correlação entre as taxas de desemprego em São Paulo e no agregado de

setembro de 1996 a setembro de 1997 é igual a 0,97). Esta constatação é algo preocupante, no sentido que, a priori, São Paulo é justamente a região cujo mercado de trabalho tende a ser o mais atingido por uma eventual desaceleração do nível de atividade econômica no próximo ano.

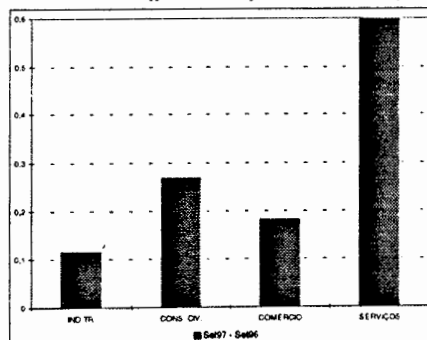
GRÁFICO 7
Evolução da taxa de desemprego (%)



Fonte: Elab. própria, a partir de dados da PME/IBGE.

Em relação aos diversos setores de atividade, é interessante notar que a maior redução que vem se observando no desemprego nos primeiros meses do segundo semestre é na Indústria de Transformação, onde esta taxa diminuiu de 8,01% em junho para 6,58% em setembro. Em que pese ainda permanecer relativamente alta, o seu nível para este último mês é apenas um pouco superior àquele de setembro de 1996 (6,47%), fazendo com que este segmento tenha sido o que apresentou menor elevação do desemprego no espaço de um ano. No outro extremo, a maior elevação ocorreu no setor de Serviços, onde o desemprego passou de 5,26% a 5,86% de setembro a setembro (Tabela A.4.3).

GRÁFICO 8
Cresc. do desemprego por setor de atividade (pontos percentuais)

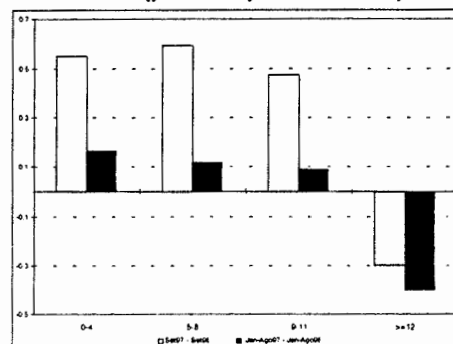


Fonte: Elab. própria, a partir de dados da PME/IBGE.

Um último comentário sobre a questão do desemprego está relacionado com a desagregação de acordo com o grau de escolaridade. Como pode ser constatado na Tabela A.4.6, apesar disto vir acontecendo

de forma um pouco errática, o que pode ser observado é uma tendência de elevação do desemprego em todas as categorias educacionais, com exceção do grupo de trabalhadores que possuem instrução superior (Gráfico 9). Juntando-se a isso o fato que o nível de ocupação vem aumentando para este grupo, tem-se um elemento adicional para respaldar a tese de um deslocamento da demanda por trabalho em direção à mão-de-obra mais qualificada.

GRÁFICO 9
Variação do desemprego por escolaridade (pontos percentuais)



Fonte: Elab. própria, a partir de dados da PME/IBGE.

DESEMPREGO OCULTO

Segundo os dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego (Fundação Seade/DIEESE), o desemprego oculto, seja por desalento ou precariedade, vem aumentando ligeiramente na região metropolitana de São Paulo nos últimos meses, tendo passado de 5,4% em junho para 5,8% em setembro do corrente ano (Tabelas A.4.1.3 e A.4.1.4).

SEGURO DESEMPREGO

Após ter atingido um pico mês de abril, o número de trabalhadores que pleitearam o seguro desemprego diminuiu consideravelmente. Como em conjunto com essa menor procura houve também uma queda na taxa de habilitação, observou-se uma redução no número de benefícios concedidos da ordem de 10%, situando-se ligeiramente abaixo do ocorrido 12 meses antes. No que tange ao valor médio deste benefício houve, em função do aumento do valor do salário mínimo, um aumento de cerca de 5% no último trimestre para o qual se têm informações disponíveis.

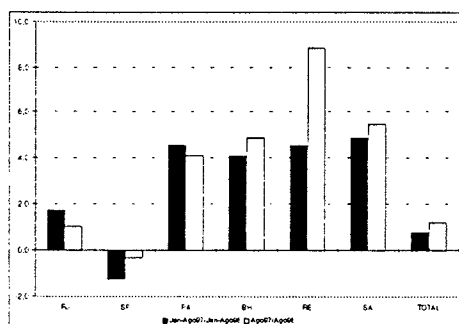
RENDIMENTOS

Após um período de declínio no início deste ano o rendimento real médio voltou a experimentar uma fase de ascensão a partir do segundo quadrimestre, de tal sorte que o ganho acumulado em relação ao seu nível mais baixo, em março, já se situa em torno

de 5% (Tabela A.7.1).¹ O nível destes rendimentos para o conjunto das seis regiões metropolitanas em agosto último é 1,3% superior ao verificado no mesmo mês do ano anterior (ver Gráfico da capa), enquanto a média dos oito primeiros meses de 1997 está cerca de 1% acima da do mesmo período do ano anterior.

Ainda em relação aos dados da tabela A.7.1, a análise da evolução dos rendimentos reais por região metropolitana revela que a única onde houve decréscimo entre 1996 e 1997, seja de agosto a agosto, seja em termos da média acumulada no ano, foi em São Paulo, isto apesar da forte recuperação no último mês (Gráfico 10). Somando-se a isto a constatação anterior de que é em São Paulo onde o desemprego mais cresceu no período, parece lícito concluir que é este o mercado de trabalho que mais perdeu atratividade em tempos recentes, na medida que é o local onde o valor esperado do salário foi mais afetado. No outro extremo situa-se a região de Recife, onde o rendimento real cresceu mais, perante um pequeno aumento no desemprego.

GRÁFICO 10
Crescimento da renda real média por RM (%)

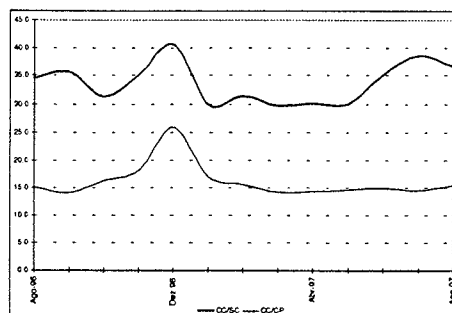


Fonte: Elab. própria, a partir de dados da PME/IBGE.

A recuperação de rendimentos reais vem ocorrendo para todas as formas de inserção no mercado de trabalho, com exceção do caso dos empregadores (Tabela A.7.3). O diferencial de rendimentos entre os trabalhadores com e sem carteira voltou a crescer nos primeiros meses do segundo semestre de 1997, atingindo 36,6% em agosto (Tabela A.9.3), situando-se acima dos valores vigentes em igual intervalo no ano passado. Ao mesmo tempo, não foram observadas maiores modificações no diferencial em relação aos trabalhadores por conta própria, que vem permanecendo estável ao redor de 15% (Tabela A.9.4).

Outras observações a respeito da evolução dos rendimentos são:

GRÁFICO 11
Evolução dos diferenciais de rendimentos (%)



Fonte: Elab. própria, a partir de dados da PME/IBGE.

- dentre os maiores setores de atividade, a Indústria de Transformação e a Administração Pública vêm experimentando os maiores ganhos, enquanto o Comércio e a Construção Civil, apesar da recuperação, ainda apresentam perdas em relação ao ano anterior (Tabela A.7.2);
- o diferencial de rendimentos entre homens e mulheres vem oscilando bastante, mas, em termos de média dos oito primeiros meses, apresenta um pequeno estreitamento em relação a 1996 (Tabela A.7.4);
- todos os grupos educacionais vem passando por um processo de recuperação nos últimos meses (Tabela A.7.6).

PRODUTIVIDADE

A produtividade na Indústria de Transformação, seja por trabalhador seja por hora paga, voltou a aumentar de forma expressiva entre abril e julho de 1997. Assim, a média acumulada no ano passou a ser cerca de 15% superior àquela observada no mesmo espaço de tempo em 1996, segundo os dados da PIM/IBGE (Tabela A.8.1). Os ganhos foram disseminados ao longo de todos os ramos da indústria, cabendo destacar os setores de Material de Transporte, Química e Fumo, onde eles superaram a marca dos 20% (Tabela A.8.2 e A.8.3).

ATIVIDADE SINDICAL

Segundo os dados do DIFSE (conjunto de Tabelas A.10), tanto o número de greves quanto o número de grevistas e a quantidade de trabalhadores-hora parados em função delas, após um longo período de redução, voltaram a crescer em junho e julho deste ano. Estes números, contudo, ainda continuam significativamente abaixo da média histórica.

¹Devido a alterações metodológicas no cálculo dos rendimentos médios reais, que agora levam explicitamente em consideração a estrutura ocupacional de cada região metropolitana, os números desta tabela diferem ligeiramente daqueles publicados em edições anteriores.